

Sexualidade na escola: Discutindo gênero, sexualidade e movimento feminista com estudantes do ensino básico.

Correia, Karla Kilma ^(1,1); **Silva, Hellen Crislanny Marinho** ^(1,2); **Silva, Isabela Paula** ^(1,3); **Monteiro, Natalia da Silva** ^(1,4); **Miranda, Carolina Santos de** ^(2,5)

¹ Graduandos do Núcleo de Formação Docente, Universidade Federal de Pernambuco (CAA/UFPE).

² Professora substituta no Núcleo de Formação Docente, Universidade Federal de Pernambuco (CAA/UFPE).

¹ karlakilmacorreia@outlook.com

² hellen_crislayne@hotmail.com

³ isabelapaula.silva@outlook.com

⁴ nataliamonteiro31@outlook.com

⁵ carolmirandasantos@yahoo.com

Resumo

Discutir as questões de gênero e sexualidade na escola básica no contexto atual se torna algo cada vez mais difícil, porém é de suma importância como construção pessoal. Os alunos mostram-se interessados pelo tema, entretanto, muitos deles não tem espaço para discussões, então, dúvidas que não sanadas tornam-se grandes problemas seja de ordem psicológica, física ou agressiva. Logo, abrir espaços de debates em escolas, apenas revela que as questões não são tabus e devem ser questionadas, discutidas e compreendidas. Nesse trabalho, apresentaremos uma intervenção realizada com estudantes do segundo ano do ensino médio, na cidade de São Caetano, Pernambuco, Brasil, na qual debateu-se sobre gênero, sexualidade e movimento feminista, as discussões foram desencadeadas partindo da concepção inicial que os estudantes traziam sobre esses temas. A partir dos resultados obtidos, ficou nítido que as visões de grande parte dos discentes são limitadas sobre esse assunto, o que tornou bastante enriquecedor para nós pôr em prática os conhecimentos adquiridos a respeito das temáticas de maneira didática. Partindo do uso de metodologias diferenciadas, pudemos perceber o quanto elas possibilitam um maior desenvolvimento acadêmico e pessoal por parte dos discentes, pois agregam ao tema uma maior possibilidade de comunicação entre professor e aluno.

Palavras-chaves: gênero; sexualidade; feminismo; prática pedagógica.

Introdução

Em meio ao contexto social atual nas escolas e debates na sociedade, é de suma importância que haja diálogos sobre gênero e sexualidade, entretanto, é visto que em algumas escolas não está havendo a problematização dessa temática. Logo, a partir da disciplina eletiva de Educação, Gênero e Sexualidade ofertada pelo curso de matemática da Universidade Federal de Pernambuco- UFPE/CAA houve a necessidade da realização de uma intervenção, a partir de todo conhecimento construído e debatido nas aulas, orientada pela professora Carolina Miranda.

De certo que, os alunos possuem o conhecimento popular sobre o que é gênero e sexualidade, contudo, existem muitos que não têm espaços para debater esse assunto, seja com familiares ou professores que estejam pelo menos abertos a discutir com eles. Por este motivo, discutir de modo informal sobre teóricos como, Bell Hooks (2015); Guacira Louro (1997); Jimena Furlani(2007); Célia Regina Pinto(2010); dentre outros, que abordam a discussão sobre gênero, sexualidade e feminismo é uma forma de contribuir para formação pessoal destes discentes.

Como discentes desta eletiva, estudantes de graduação e futuras professoras, aplicar intervenções que mediam a teoria na prática ajudam diretamente em nossa formação e visto que, a temática gênero e sexualidade não está presente nas escolas como deveria, é de extrema importância trabalhos como esses, pois a falta de discussão sobre o assunto continua provocando nos discentes interpretações errôneas à respeito, o que pode desencadear grandes problemas no futuro.

Portanto, o objetivo da intervenção é tratar o gênero e sexualidade de maneira tranquila e acolhedora e pôr também em prática os conhecimentos adquiridos durante a disciplina eletiva, com a interação e envolvimento dos alunos permitindo-os refletir e discutir sobre a temática desmistificando tabus que giram em torno desse assunto.

Metodologia

A atividade de intervenção foi realizada com alunos de segundo ano do ensino médio, nas dependências de uma escola regular da rede estadual, localizada na cidade de São Caetano-PE, Brasil, no período da tarde. Inicialmente havíamos tentado aplicar essa intervenção em

outra escola da cidade, no entanto houve resistência por parte da direção da mesma, a qual rejeitou que o trabalho fosse realizado na instituição.

Participaram dessa atividade 30 alunos com faixa etária entre 16 a 18 anos. A turma foi escolhida pela coordenadora da escola que nos apresentou aos alunos e reforçou que todos deveriam participar das atividades propostas, no início da intervenção houve uma resistência por parte dos mesmos, porém ao decorrer das atividades todos se envolveram bastante e participaram de forma ativa e crítica.

Na proposta da atividade a ser desenvolvida, estabeleceu-se que a mesma ocorreria em quatro momentos, sendo eles, **Momento I:** Reconhecimento da concepção dos alunos a respeito do tema sexualidade e gênero onde foi solicitado que os estudantes desenhasssem o que entendiam sobre a temática e em cima do que eles apresentaram, as aplicadoras da atividade levantaram discussões a respeito do tema. **Momento II:** Foi apresentada a letra da música “Desconstruindo Amélia” de autoria de Pitty, a qual relata sobre o feminismo e após ela, novamente foi levantada uma discussão com a turma sobre a música e o movimento feminista. **Momento III:** Apresentou-se um trecho do filme “Histórias cruzadas” de direção de Tate Taylor, no qual serviu como porta de entrada para a discussão sobre o feminismo negro, e após a discussão sobre ele, foi apresentado um trecho do desenho dos Simpsons do episódio 14º da 5ª temporada intitulado como o episódio “*Lisa vs. Malibu Stacy*”, no qual traz uma crítica a sociedade à respeito dos valores ensinados para as meninas/mulheres. **Momento IV:** Os estudantes tiveram que refletir sobre as discussões que ocorreram em cada um dos momentos anteriores e expor se mudariam algo no desenho apresentado por eles no primeiro momento.

Resultados e Discussão

Inicialmente, no **Momento I** da atividade com base nos desenhos apresentados pelos discentes (figura 1)

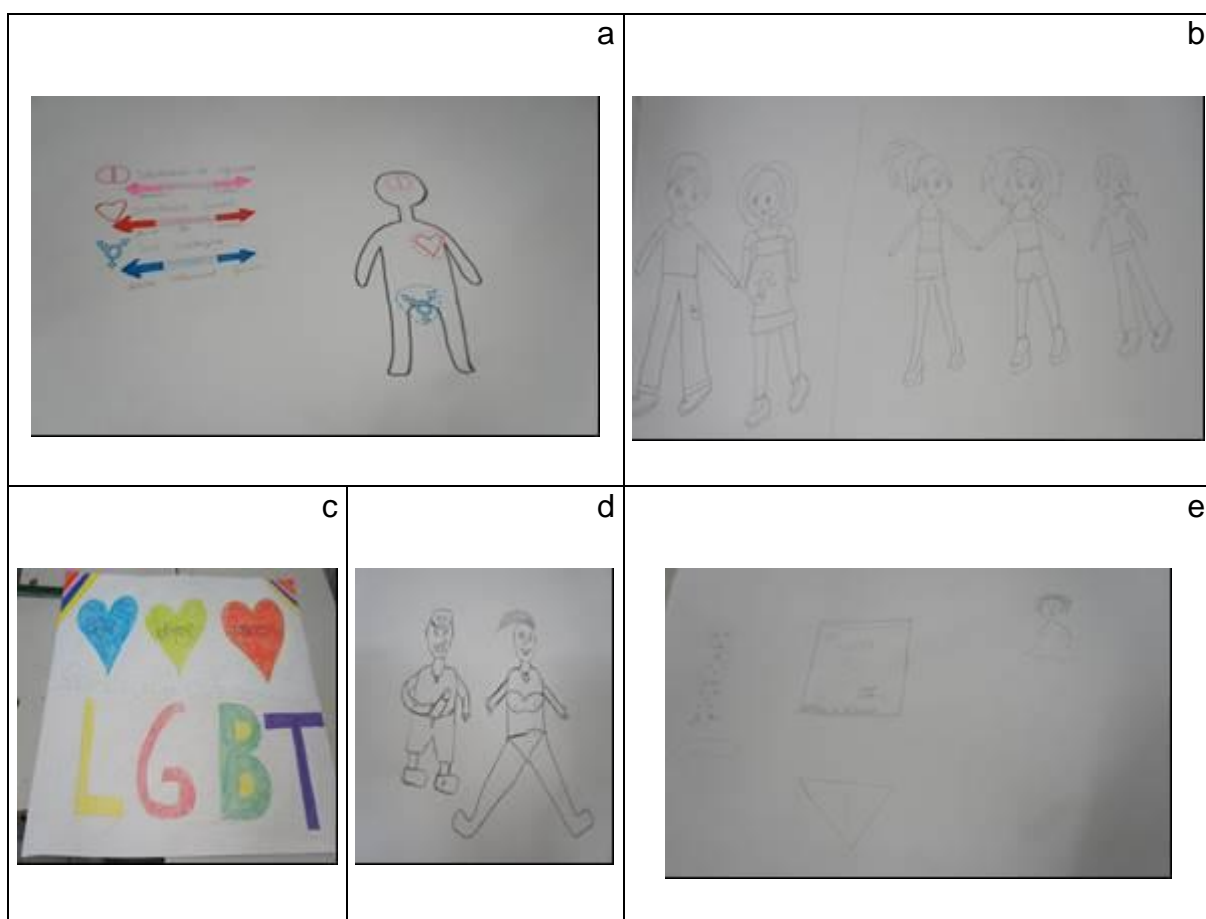


Figura 1: a. Representação de gênero por orientação, identidade e sexo biológico. b. Ilustração de gênero na perspectiva de gravidez na adolescência e o bullying. c. Relato de movimentos sociais, especificando o LGBT. d. conceito de gênero pelo viés biológico. e. Gênero pela compreensão de métodos contraceptivos.

Foi possível adentrar em discussões referentes à diversidade sexual, e conseqüentemente abordar a questão do respeito a essas diferenças; discutir também sobre órgão genitor, trazendo a importância dos métodos contraceptivos; e identidade sexual.

Nesse momento ficou notável que grande parte dos alunos entendiam sexualidade e gênero a partir do conceito de determinismo biológico, como relata a concepção médico-biologista de Nunes (1996), na qual sexualidade é visto como uma dimensão biológica procriativa do ser humano e como uma força propulsora que surge de forma natural com o intuito de procriar. Quanto ao conceito do determinismo biológico é possível analisar em Furlani (2011) essa premissa, quando ele afirma a diferença entre homem e mulher decorrente dos atributos corporais. (Nunes 1996; Furlani 2011, apud Miranda et al 2017, p. 22-24). O gênero do indivíduo pelas falas dos discentes e os desenhos apresentados é especificado pelo órgão genital do sujeito, culminando no que Furlani (2011) e Nunes (1996) dialogam,

logo nos mostra a relevância de trabalhar gênero e sexualidade nas escolas, para que não pensem que tudo está definido nos atributos corporais e nas relações sexuais.

A discussão acerca das identidades sexuais e respeito às diferenças surgiu no desenho que aborda casais homoafetivos e a bandeira do movimento social LGBT, em uma das falas dos discentes é enfatizado, **Discente A:** *“Independente de como a pessoa tenha nascido, ela que vai escolher com o tempo como ela quer ser e o que ela vai gostar.”*

A fala se identifica com o que a autora Britzman (1996) diz sobre o termo identidade sexual, onde nenhuma identidade sexual é inata e definida quando o sujeito nasce. Identidades sexuais são instáveis e passíveis de mudança, estão sempre em metamorfose e se construindo na medida em que o sujeito vai se conhecendo. Dessa forma, não existe apenas uma identidade heterossexual pronta e acabada para ser assumida pelos indivíduos ao nascerem e adentrarem na sociedade.

Logo, a sexualidade parte da ideia de identidade sexual do sujeito, em que teremos não apenas as relações heterossexuais e indivíduos héteros, mas sim, uma diversidade de pessoas, que podem assumir diferentes identidades sexuais, podendo ser: heterossexuais, homossexuais, bissexuais, dentre outras, como Louro (1997, p. 27) relata:

Gênero e sexualidade estão profundamente inter-relacionados, porém, são coisas diferentes, de modo em que sujeitos masculinos e/ou femininos podem ser heterossexuais, homossexuais, bissexuais, sendo então, importante considerar que para ambos os termos as identidades que podem ser construídas não são prontas e acabadas, mas sim, estão sempre sendo construídas pelos indivíduos.

Portanto, com base nos autores apresentados foi discutido com os discentes que sustentar a ideia de que todo indivíduo é dotado de uma identidade sexual própria, é importante para romper as ideologias de que qualquer ser humano que não se encaixe nessa identidade heterossexual é degenerado ou anormal.

O comentário do aluno A é resultado da forma como os conceitos de identidade sexual e de gênero foram construídas, que segundo Scott (1995) é fruto de construção social e está voltado para uma lógica binária, na qual só vão existir dois polos, os quais são: Masculino e Feminino, que implicam apenas em um tipo de homem e mulher, descriminando assim a heterogeneidade de mulheres, como também de homens. Proporcionando a discussão para o Momento II sobre a distinção que a sociedade impõe entre homens e mulheres definindo o que é função/papel de homem e mulher.

No momento II foi entregue a letra da música “Desconstruindo Amélia” de autoria de Pitty para que os discentes analisassem o contexto da música. Em uma fala dos discentes após a música ser apresentada é relatado o seguinte, **Discente B:** “*Ela foi criada e educada para cuidar da casa, dos filhos, fazer comida, essas coisas. Só que um dia ela resolve mudar e vê que aquela vida não é mais para ela, então ela começa a se arrumar, sair para se divertir.*”

Diante do que foi analisado, ficou claro o posicionamento dos alunos quanto à função da mulher na sociedade atual. O discente B conseguiu inferir e compartilhar com os colegas a situação das mulheres a alguns anos atrás e por vezes ainda nos tempos de hoje. Mediante a discussão da turma eles puderam perceber que apesar de haver um grande avanço no espaço de atuação da mulher, ela ainda é muito oprimida pela sociedade conservadora.

Foi discutido com os discentes que a letra de Pitty é baseada nas teorias feminista, como também é uma refutação em cima da letra “Ai, que Saudade de Amélia” de Mario Lago, lançada em 1942 que traz o seguinte trecho:

“Às vezes passava fome ao meu lado
E achava bonito não ter o que comer
E quando me via contrariado dizia
Meu filho o que se há de fazer
Amélia não tinha a menor vaidade
Amélia que era a mulher de verdade”

O que o Mario Lago representa em sua letra é uma mulher submissa como exemplo para outras mulheres que são elas: Marias, Fátimas, Joanas e tantas outras, na sociedade e deve ser seguido este padrão. Entretanto, Simone de Beauvoir relata no livro *O segundo sexo* em 1949, que:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam o feminino. (apud, Pinto, 2010)

Logo, não há como existir a padronização do indivíduo, o que acontece é uma projeção que o contexto social emerge em cima do que é ser uma mulher. Então, como a cantora Pitty, na letra “Desconstruindo Amélia”, discutida durante o debate, a mesma recita: “*Nem serva, nem objeto. Já não quer ser o outro. Hoje ela é um também*”, enfatiza o contexto submisso e o anseio por mudar esta posição.

Este debate sobre a posição da mulher na sociedade foi discutido com os alunos também em cima da crítica da série: Família Dinossauros do ano de 1991 a 1994, (figura 2).

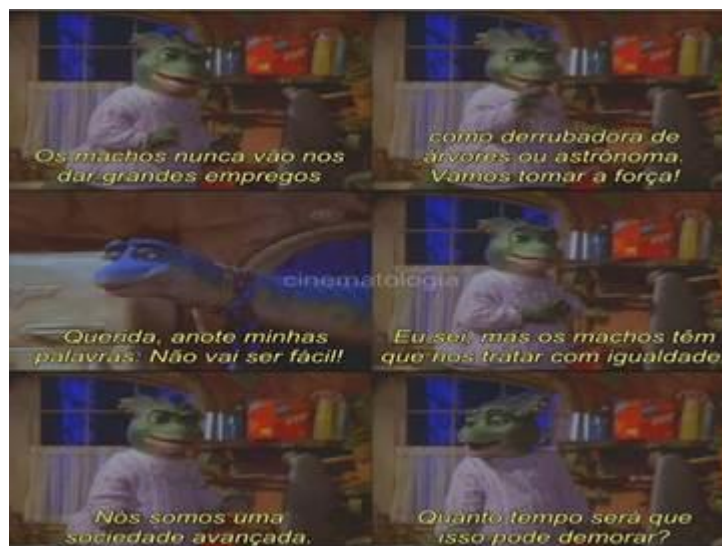


Figura 2: Crítica da série família dinossauros. Fonte: Cinematologia

Problematizando que as questões de ordem feministas são debatidas há um bom tempo e que mesmo tendo alcançado conquistas relevantes, como direito ao voto em 1932 e a Lei Maria da Penha em 2007, existem muitos motivos para continuar a luta, assim como explica Pinto (2010) sobre o movimento:

O feminismo aparece como um movimento libertário, que não quer só espaço para a mulher – no trabalho, na vida pública, na educação –, mas que luta, sim, por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que esta última tenha liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo (Pinto, 2010, p.16)

Na discussão foi construído com os discentes que está luta feminista por direitos iguais é uma luta que precisa do apoio daqueles que simpatizam pela causa, no episódio dos Simpsons “*Lisa vs. Malibu Stacy*”, foi analisado como acontece a inquietação de Lisa por suas bonecas se apresentarem de maneira tola, refletindo na representação da mulher na sociedade. Após terem debatido a importância do movimento feminista na atualidade, lançamos o movimento feminista negro como o **Momento III** e perguntamos qual seria a diferença do movimento negro para o movimento feminista, eles descreveram desta forma, como o **Discente C**: “*O feminismo negro luta pelo respeito e pela cor.*”

Os alunos puderam conhecer as diferenças que existem entre os tipos de feminismo abordados e relacionaram elas ao preconceito racial que as negras eram submetidas, relatando que essas mulheres além de “lutarem” pela igualdade e um espaço digno na

sociedade, tinham que lutar também pelo respeito que não existia por conta da sua cor. Essas mulheres não estavam lutando em prol da mulher verdadeira ou por um grupo específico, mas sim lidando com questões que diziam respeito à todas as mulheres. (Stambler, 1970).

Em seguida foi lido o depoimento de Ojourner Truth, mulher e ex-escrava na Convenção dos Direitos das Mulheres em Ohio no ano de 1851.

Aquele homem ali diz que é preciso ajudar as mulheres a subir numa carruagem, que é preciso carregá-las quando atravessam um lamaçal e que elas devem ocupar sempre os melhores lugares. Nunca ninguém me ajuda a subir numa carruagem, a passar por cima da lama ou me cede o melhor lugar! E não sou uma mulher? Olhem para mim! Olhem para meu braço! Eu capinei, eu plantei, juntei palha nos celeiros e homem nenhum conseguiu me superar! E não sou uma mulher? Eu consegui trabalhar e comer tanto quanto um homem – quando tinha o que comer – e também agüentei as chicotadas! E não sou uma mulher? Pari cinco filhos e a maioria deles foi vendida como escravos. Quando manifestei minha dor de mãe, ninguém, a não ser Jesus, me ouviu! E não sou uma mulher?” (Santos, 2016)

Este relato de Truth levou ao debate a reflexão de que as mulheres negras antes de lutarem pela posição social, as mesmas lutam pela sobrevivência. Logo, o movimento negro possui uma problematização maior devido as lutas de classes, o combate ao racismo. Então, discutiu-se a importância dos dois movimentos, como também a importância independente de qual movimento está se falando, entendendo seus lados positivos e negativos. Indo de acordo com o discurso de Bell Hooks em (2015) que diz: *“Embora que, as preocupações sobre a classe branca eram preocupantes, mas não era vigente à nível de sobrevivência econômica, discriminação étnica e racial”*. Isto é muito bem relatado no “trecho do filme *Histórias Cruzadas*”

Ao analisar a cena do filme os alunos ficaram bastante surpresos quanto à situação descrita, durante a discussão o discente “D” fez a pergunta sobre o casamento entre uma negra e um branco, pergunta esta que ilustra bem uma indignação por parte dos alunos, por meio dessa surpresa fizemos com que os mesmos refletissem sobre o período histórico da escravidão, logo após eles puderam assimilar o porquê desse casamento ser considerado fora dos padrões. Apesar de todo esse preconceito e descriminalização, os brancos mantinham relações sexuais frequentes com as negras desde o período descrito anteriormente, mas para

isso eles tinham que associar a imagem das negras a algo que fugisse do padrão, como afirma Hooks (1995)

Para justificar a exploração masculina branca e o estupro das negras durante a escravidão, a cultura branca teve que produzir uma iconografia de corpos de negras que insistia em representá-las como altamente dotadas de sexo, a perfeita encarnação de um erotismo primitivo e desenfreado (Hooks, 1995, p.469).

Ao perguntar no **Momento V** se algum grupo mudaria alguma coisa em seus desenhos, alguns falaram que sim e justificaram que após a intervenção algumas ideias como, por exemplo, “deixar o preconceito de lado e ser quem você realmente é”; “ninguém nasce igual, pode nascer menina ou menino, mas com o tempo cada um vai se encaixar no seu padrão”; “Sexualidade é um conjunto de caracteres determinado pelo o indivíduo, onde cada um tem o direito de ser quem entender.”, surgiu como forma de resposta para a intervenção do tema gênero e sexualidade. Ao finalizarmos as atividades, como também no decorrer da realização das mesmas, foi possível perceber que os alunos estavam refletindo, pois até passaram a prestar mais atenção nas discussões e discutirem sobre o que estava sendo colocado para eles. Portanto, mesmo aqueles que permaneceram em silêncio, foi plantada a semente da curiosidade pelo conhecimento permitindo a reflexão.

Conclusões

Diante do exposto, foi possível adquirir uma visão mais ampla a respeito da importância de abrir espaço para discussões em sala de aula, pois foi evidente que elas têm um impacto para chamar a atenção dos sujeitos com relação aos direitos humanos de todo ser humano. Além disso, nos mostrou que grande parte da teoria que vimos durante a disciplina eletiva Educação, Gênero e Sexualidade, estava presente nos discursos dos alunos, o que nos favoreceu em termo de desenvolver argumentos para gerar as discussões e, conseqüentemente, provocar nos alunos o processo reflexivo. O mais significativo foi culminar todo o conhecimento construído na disciplina eletiva em uma aplicação, pois nos levou a compartilhar o que foi visto na universidade em forma de construção de conhecimento e reflexão na escola.

Deste modo, o estudo dessa temática foi de fundamental importância para nós como futuros educadores, pois é algo que faz parte da realidade e não é discutido por vários fatores, então

devemos estar preparados para orientar os alunos em qualquer situação. Após a intervenção ficou nítido que a imagem do que era gênero e sexualidade para aqueles alunos, havia sido repensada. Os alunos mais resistentes foram os que mais participaram e comentaram criticamente sobre os pontos trazidos na metodologia. Por meio das problemáticas e discussões, eles puderam repensar seus próprios conceitos sobre a temática; além de tirarem algumas dúvidas sobre um assunto que está presente no cotidiano, mas não é discutido na escola e por vezes nem em casa.

Referências bibliográficas

- Britzman, D. (1996, jan). O que é essa coisa chamada amor. Identidade homossexual, educação e currículo. *Educação e Realidade*. 21 (1), pp. 72-96.
- Hooks, B. (1995, 2º sem). Intelectuais Negras. *Revista Estudos Feministas*, 3 (2), pp. 464-478.
- Hooks, B. (2015, abr). Mulheres negras: moldando a teoria feminista. In *Rev. Bras. Ciênc. Polít.* 16, pp. 193-210, Recuperada em 2 janeiro, 2019, de: <http://www.scielo.br/pdf/rbcpol/n16/0103-3352-rbcpol-16-00193.pdf>.
- Louro, G. (1997). Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis-RJ: Vozes.
- Miranda, C. S. (2017). Sexualidade na juventude: compreendendo práticas pedagógicas do/da professor/professora no contexto escolar. (Tese de mestrado). Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE/Fundação Joaquim Nabuco – FUNDAJ, Recife, Brasil. Recuperada em 28 fevereiro, 2019, de http://ww2.ppgeci.ufrpe.br/sites/ww2.ppgeci.ufrpe.br/files/documentos/carolina_miranda.pdf
- Pinto, C. R. J. (2010, jun). Feminismo, história e poder. *Rev.Sociol. Polít.* 18(36), pp. 15-23.
- Santos, D. T. R. dos. (2016, dez). Feminismo negro para um novo marco. *Ensaio*. 13(24), pp. 99 – 104, Recuperada em 05 dezembro , 2018, de: <https://sur.conectas.org/wp-content/uploads/2017/02/9-sur-24-por-djamila-ribeiro.pdf>

Scott, J. (1995, nov). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. [Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history]. (20. (2)) Rio Grande do Sul: *Educação e Realidade*